

4 UMA VIDA MOVIDA À PAIXÃO

“Pagu tem uns olhos moles
uns olhos de fazer doer.
Bate-coco quando passa.
Coração pega a bater.
Eh, Pagu, eh!
Dói porque é bom de fazer doer (...)” (“Coco”, de Raul Bopp; publicado na revista *Para Todos*, em 1928, apud Furlani, 1999: 38)

Assim o poeta Raul Bopp descreveu Patrícia Galvão, a quem conferiu o apelido de Pagu ao juntar por engano um inexistente sobrenome Goulart com o prenome Patrícia. Mas Bopp não foi o único que se encantou com aquela bela mulher que, já na adolescência, mostrava-se refratária a convenções e circulava pelas ruas com unhas pintadas de vermelho, maquiagem forte e cabelos revoltos. Espécie de mascote do movimento modernista e grande amiga do casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral durante o colegial, Pagu se destacou nos anos seguintes como jornalista, escritora de vanguarda, feminista, incentivadora das artes e militante comunista, condição que lhe custou perseguições pela polícia de Getúlio Vargas e várias prisões.

No plano pessoal, Pagu exerceu sua feminilidade como esposa e mãe de Rudá e Geraldo. O primeiro filho foi fruto de um casamento aberto, mas nem por isso tranqüilo, com o escritor Oswald de Andrade, ao passo que o segundo resultou da união com o segundo marido, o jornalista Geraldo Ferraz. A vida intensa e repleta de episódios que comprovam a entrega incondicional de Pagu aos seus ideais sempre fascinou pesquisadores, artistas e público. Sua história já foi relatada em artigos, teses acadêmicas e biografias; cantada na música “Pagu”, de Rita Lee e Zélia Duncan; além de retratada nos filmes *Eternamente Pagu*, de Norma Benguell, *O homem do pau-brasil*, de Joaquim Pedro de Andrade, e, em parte, na minissérie *Um só coração* da Rede Globo (Galvão Ferraz, 2005; 11).

Ao longo dos anos, Pagu virou símbolo de feminilidade consciente e insubmissão a estereótipos e preconceitos. Multiplicou-se em balés e espetáculos teatrais. Seu nome serviu para batizar centros culturais, livrarias e até butiques.

Grande parte da lenda criada em torno de Pagu se justifica, mas ganhou contornos mais humanos a partir de uma longa carta autobiográfica, escrita durante e após sua prisão pela polícia de Getúlio Vargas, no Estado Novo (1937-1945). Dirigida ao companheiro Geraldo Ferraz, essa carta tão pungente e reveladora só foi publicada cerca de sessenta anos após a morte da autora, graças ao empenho do filho Geraldo Galvão Ferraz, sob o título *Paixão Pagu, a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*.

4.1

Infância e adolescência

Patrícia Rehder Galvão nasceu em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 1910, mas passou a infância no Brás, bairro da região central paulistana. Já na adolescência, chamava atenção pelo estilo ousado e a personalidade forte. Num texto de 1971, o dramaturgo Alfredo Mesquita diz o seguinte a respeito de Patrícia Galvão:

Pagu fora aluna célebre da Escola Normal da Praça (...) Corriam em São Paulo histórias malucas a seu respeito: fugas pulando janelas e muros da escola, cabelos cortados e eriçados, blusas transparentes de decotes arrojados, cigarros fumados em plena rua. Escândalos, para a época (Frésca; <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

Com apenas doze anos, essa menina “escandalosa” testemunhou a Semana de Arte Moderna de 1922 e o início do movimento modernista, do qual participaria mais tarde. Aos quinze, passou a colaborar no *Brás Jornal*, usando o primeiro de uma série de pseudônimos: Patsy. Quando completou o Curso Normal da Escola da Capital, em 1928, Patrícia Galvão também conheceu o grupo da *Revista de Antropofagia*. Foi justamente nessa época que Patrícia Galvão se encontrou com o poeta Raul Bopp, o responsável pela criação do apelido Pagu, embora ela não quisesse mais ser chamada assim na maturidade. Coube também a Bopp apresentar Patrícia Galvão a Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, casal que simbolizava “o espírito do modernismo dândi dos anos 20” (Furlani; 1999: 43). Os dois logo se encantaram com aquela jovem ousada e excêntrica. Nas palavras do arquiteto Flávio de Carvalho, “Pagu era uma colegial que Tarsila e

Oswald resolveram transformar em boneca”, visto que se encarregavam de vesti-la, calçá-la e penteá-la conforme julgassem mais apropriado (Frésca; <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

Oswald de Andrade liderou o movimento antropofágico ao lançar seu “Manifesto Antropófago”, em 1928, no primeiro número da revista criada para difundir o movimento. Após os dez primeiros números, a publicação sofreu mudanças e assumiu uma linha mais radical. Patrícia Galvão passou a colaborar na revista nessa segunda etapa — “a segunda dentição”, conforme seus redatores a chamavam — a partir de março de 1929, basicamente com desenhos. Em junho do mesmo ano, ela se apresentou numa festa beneficente no Teatro Municipal declamando poemas modernistas, inclusive o “Coco” de Bopp e um poema de sua autoria, presente no *Álbum de Pagu*, de 1929, livro com desenhos e poemas seus. Depois dessa apresentação, Pagu tornou-se mais conhecida nas rodas intelectuais e estreitou sua amizade com o casal Oswald e Tarsila, principalmente com Oswald, com quem iniciou um romance que marcaria profundamente sua vida (Frésca; <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

4.2

A vida com Oswald e a militância política

O relacionamento extraconjugal de Oswald com Pagu resultou numa gravidez não planejada. Numa tentativa de salvar as aparências, o escritor organizou um casamento de fachada para Pagu com o pintor Waldemar Belisário, que lhe devia vários favores pessoais. No dia 28 de setembro de 1929, Pagu e Waldemar se casaram e seguiram em viagem de lua-de-mel para Santos. No alto da serra, porém, encontraram-se com Oswald, que, conforme combinado, aguardava-os para tomar o lugar de Belisário no carro. O “noivo”, por sua vez, após ter cumprido seu papel na farsa, voltou para São Paulo. O casamento foi anulado em 5 de fevereiro de 1930, pelo Juiz de Direito de Santos (Furlani, 1999; 44-5).

Como seria de se esperar de um casal tão irreverente, a união oficial de Pagu e Oswald foi marcada pelo inusitado. Os dois contraíram matrimônio no dia 5 de

janeiro de 1930, antes da anulação oficial do anterior, num cemitério, diante do jazigo da família do escritor. A união durou apenas quatro anos e, aparentemente, baseava-se muito mais numa empolgação infantil e admiração intelectual mútua do que em amor (Frésca; <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

Na carta transformada no livro *Paixão Pagu — A autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, Pagu afirma: “Sabia que Oswald não me amava. Ele tinha por mim o entusiasmo que se tem pela vivacidade ou por uma canalhice bem feita” (Galvão, 2005; 62). Diante disso, ela se esforçava para se adaptar à situação: “Muitas vezes minhas mãos se enchiam na oferta de ternura. Mas havia as paredes da incompreensão atemorizante. [...] Resolvi, então, que ao menos uma grande amizade fosse conseguida e uma forte solidariedade constituísse a base sólida de nossa vida em comum” (p. 63). No entanto, Pagu admite algumas páginas adiante que também nunca chegou a sentir amor pelo companheiro. “Talvez se o tivesse amado chegasse a odiá-lo dentro do meu desprezo. Mas nunca amei Oswald. O meu amor exige deslumbramento e Oswald nunca conseguiu me alcançar” (Galvão, 2005; 113).

Os anos passados como marido e mulher se caracterizaram pelo nascimento de Rudá em 25 de setembro de 1930, longas leituras e conversas e uma franqueza extrema, quase brutal. Nas palavras de Pagu, “o meu agradecimento vai para o homem que nunca me ofendeu com a piedade” (Galvão, 2005; 63), nem lhe omitiu as diversas aventuras extraconjugais. Outro aspecto fundamental que marcou o período passado juntos foi a militância de ambos nos quadros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o chamado Partidão. Ambos eram simpatizantes do comunismo, mas, no caso de Pagu, o interesse pelo movimento aumentou cerca de três meses após o nascimento de Rudá, quando viajou para Buenos Aires para participar de um festival de poesia. Na capital portenha, travou contato com intelectuais como Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, Victoria Ocampo e Norah Borges — os quais qualificou de “gente sórdida” por exibirem “um revolucionarismo convencionado à depravação” (pp. 72-3) — e um comunista argentino chamado Garrigorri com quem discorreu sobre política e o movimento comunista: “Conversamos algumas horas e o assunto me interessou. Senti que minha curiosidade se animava. Quis saber mais. Conhecer mais” (p. 73).

Na volta ao Brasil, Pagu estava tão animada com os ideais comunistas que ingressou no PCB e ainda convenceu Oswald a fazer o mesmo. Assim, no lugar de

festas e reuniões sociais, os dois passaram a freqüentar comícios e manifestações políticas e ainda arranjaram tempo para fundar, em 1931, *O homem do povo*, um jornal panfletário, vanguardista e com boa dose de humor. Nesse jornal, Pagu dava vazão à sua criatividade escrevendo artigos, desenhando charges e vinhetas e assinando a coluna feminista “A mulher do povo” (Frésca, <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>). O jornal, porém, teve apenas oito números polêmicos que valeram o empastelamento do seu escritório por estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, de São Paulo (Galvão, 2005; 154).

Logo após o fechamento do *O homem do povo*, Oswald e Pagu embarcaram juntos para Montevideú “um pouco a passeio, um pouco para fugir das complicações dos processos que moviam pelos ferimentos que me atribuíam contra os estudantes que quiseram empastelar o jornal” (Galvão, 2005; 75). No dia seguinte à chegada, ambos foram procurados por Luís Carlos Prestes, por quem Pagu se encantou ao ouvi-lo falar sobre comunismo. Esse encontro foi fundamental para fazê-la abraçar com ardor a militância política, visto que, até então, “considerava ridículos todos os comunistas que conhecia” (p. 71). Alegava que os dirigentes do Partidão viviam apenas sentados nos cafés sem fazer nada de concreto, ao contrário de Prestes. Assim Pagu descreveu seu contato com o líder comunista:

Conversamos três dias e três noites (...) Não dormíamos e consegui saber que o comunismo era coisa séria. E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim — o espírito de sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza da convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com fé nova. A alegria da fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da humanidade (Galvão, 2005; 75).

Durante o período como militante política, Pagu participou de movimentos operários da construção civil em Santos e, em 23 de agosto de 1931, acabou presa como agitadora num comício de estivadores em greve na cidade. Destemida e inconseqüente, ela havia erguido do chão o cadáver de um estivador negro morto pela polícia, pedindo justiça. Além disso, na delegacia, após ver o espancamento de um companheiro, chegou a esbofetear o delegado de plantão Silas Pacheco, na frente de outros policiais (Frésca, <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>). Ao ser detida, Pagu se tornou a primeira mulher comunista a ser presa na história do país,

status que não agradou os dirigentes do Partidão, conforme ela relatou em sua carta autobiográfica: “Soube também que o meu nome era propalado aos quatro cantos e repetido com entusiasmo no meio dos proletários, o que era considerado pernicioso pelo Partido, por se tratar de uma militante de origem pequeno-burguesa” (Galvão, 2005; 91).

Ao ser libertada, o PCB obrigou Pagu a assinar um documento no qual ela se declarava uma “agitadora individual, sensacionalista e inexperiente”, pois desejava se eximir de toda culpa com respeito ao incidente de Santos. Além disso, tanto os membros do PCB como os delegados de polícia passaram a vigiar atentamente os passos Pagu depois da sua saída da cadeia (Cardoso, 2005: 53). Segundo Pagu, o PCB exigia que ela se separasse do marido e do filho para que pudesse se dedicar inteiramente à causa operária: “A organização determinava a proletarização de todos os seus membros. [...] O preço disso era o meu sacrifício de mãe. [...] Oswald era considerado elemento suspeito por suas ligações com certos burgueses, e eu teria que prescindir de toda comunicação com ele e, portanto, resignar-me à falta de notícias de meu filho” (Galvão, 2005; 95).

4.3

Proletarização e *Parque industrial*

Oswald e Pagu deixaram de morar juntos em 1932. Decidida a mostrar seu comprometimento com o movimento comunista, Pagu se submeteu aos ditames do partido, o qual julgava necessário fazer os intelectuais experimentarem o modo de vida e o trabalho dos operários. Por esse motivo, aceitou ficar enfiada num cortiço imundo, no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, para aprender a resistir às tentações pequeno-burguesas. Sem Oswald para ajudá-la, arrumou dois empregos: um na Agência Brasileira, outro, no *Diário da Noite*, de Assis Chateaubriand. Recebeu uma severa reprimenda do PCB pela escolha, visto que os dirigentes do partido achavam que ela precisava se afastar dos trabalhos intelectuais (Cardoso, 2005: 53-4). “Nada de jornal. Nada de trabalho intelectual. Se quiser trabalhar pelo partido, terá de admitir a proletarização” (Galvão, 2005; 96).

Mais uma vez, Pagu não esmoreceu e, após muito procurar, conseguiu um emprego como laterninha de cinema. “Nada colidia com o espírito dos comunistas. Consentiram que eu trabalhasse como vaga-lume da Broadway”, comentou, com ironia, em sua carta autobiográfica. Alguns meses depois nessa função, arranjou um serviço ainda mais apropriado para o seu processo de proletarização: o de operária numa metalúrgica. A mudança teve um preço alto para a sua saúde. Devido ao intenso esforço físico despendido transportando peças de metal, Pagu chegou a deslocar o útero um dia. Diante disso, o partido recomendou-lhe voltar para a companhia de Oswald em São Paulo, até que se recuperasse por completo, sugestão sumariamente descartada por ela (Cardoso, <http://revistaentrelivros.uol.com.br/Edicoes/1/artigo7469-1.asp>). “Eu o tinha abandonado, tinha deixado minha casa e meu filho, rompendo todas as nossas relações comuns. Como voltar nessas circunstâncias?” (Galvão, 2005; 107).

Mas, diante da falta de opções, foi preciso retornar para São Paulo e Oswald. Durante a convalescença de Pagu, houve uma campanha de depuração e expulsão contra intelectuais que pertenciam ao Partidão. Como não havia nada contra Pagu, os articuladores dessa “limpeza interna” apenas lhe entregaram um bilhete determinando seu afastamento temporário (p. 111). Para Pagu, estava na hora de voltar à vida intelectual, mas sem renegar a luta. “Apesar de contrária à ‘depuração’ arbitrária, não quis desanimar. Trabalharia intelectualmente, à margem da organização” (p. 111).

Dito e feito. Em 1933, Pagu lançou *Parque industrial*, o primeiro romance proletário do país. Por exigência do PCB, porém, a autora se escondeu sob o pseudônimo de Mara Lobo. O livro é uma narrativa urbana e focaliza as trabalhadoras das indústrias de São Paulo e as péssimas condições de vida sob as quais elas vivem, totalmente massacradas pelas classes dominantes. A obra tanto pode servir como documento das ideologias de uma época como exemplo de uma experiência de linguagem (Frésca, <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>). “Além de modernista, [o romance] é urbano, marxista e feminista. Ousado, como a autora, que contava então 22 anos, escandalizou tanto o leitor considerado burguês como a própria militância comunista” (Furlani; 1999, 19).

Segundo Lúcia Teixeira Furlani, a obra chocou por escancarar situações que eram desconsideradas pelo moralismo pequeno-burguês dos comunistas em pelo menos três aspectos. Fazia a ligação entre a exploração econômica do proletariado

e a exploração sexual das mulheres; utilizava elementos da linguagem cotidiana, empregada pelo “povo” e considerada grosseira; e, por fim, abordava de maneira aberta a sexualidade dos personagens. (p. 19).

Durante muito tempo, a crítica desconsiderou o valor de *Parque industrial*, mas hoje a coloca acima da média da literatura realista-socialista do período. No prefácio de *Paixão Pagu*, o professor de literatura portuguesa da Universidade de Yale e tradutor de *Parque industrial* para o inglês, David Jackson, avalia a obra. “Suas palavras são tão pungentes como em 1940, porque mantêm o idealismo, a inquietação, a verdade gritada ou apenas sussurrada, a crença na atuação do indivíduo capaz de transformar o mundo” (Galvão, 2005; 17-8).

4.4

Entrega, decepção na Rússia e prisão no Brasil

Não demorou muito para que o radicalismo no interior do PCB diminuísse e algum integrante voltasse a procurar Pagu. Inicialmente lisonjeada por terem se lembrado dela e, sobretudo, promovida a integrante do Comitê Fantasma, “o organismo de máxima ilegalidade do Partido” (Galvão, 2005; 116), ela logo se decepcionaria ao constatar que tal agrupamento reunia cáftens, assaltantes, batedores de carteira, prostitutas, enfim, um punhado de elementos do submundo que, sabidamente ou não, prestava serviços necessários à causa revolucionária. No seu caso específico, a promoção visava a utilizar seus dotes estéticos para obtenção de informações importantes, mesmo que para tanto fosse necessário recorrer ao sexo, condição que Pagu rejeitou veementemente num primeiro momento: “Eu não sou uma prostituta. [...] Quer dizer que o partido me nomeou para trabalhos de sexo. É uma estupidez. E ainda por cima ridículo, ridículo...” (p. 126). No entanto, ao menos uma vez, ela acabou por se prestar ao papel que tanto a indignara a princípio: “E me entreguei. Sim, me entreguei não como uma prostituta que comercializa pela primeira vez. Com muito maior consciência da sujeira, da podridão, e sem nenhuma vergonha mais” (p. 133).

Apesar de todo comprometimento de Pagu com o projeto revolucionário, o PCB voltaria a surpreendê-la com outra incumbência. Sob a desculpa de que sua

brava militante estava ficando doente e precisava descansar, sugeriu-lhe fazer uma longa viagem. Sem entender o porquê daquela determinação, decidiu, no entanto, partir para a Europa. O partido deu-lhe as credenciais necessárias e designou-lhe a Rússia como destino.

Assim, ainda em dezembro de 1933, Pagu deixou Rudá aos cuidados de Oswald e partiu como correspondente estrangeira dos jornais *Diário da Noite* (SP), *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* (RJ). Sua principal intenção era verificar in loco, ou seja, na própria Rússia, como os comunistas estavam aplicando a ideologia que ela tanto defendia. Ao longo do trajeto, passou pelos Estados Unidos, Japão e China. A bordo de um navio a caminho da China entrevistou Sigmund Freud. Na Manchúria, foi a única jornalista latino-americana que presenciou a coroação do imperador Pu-Yi. Além disso, graças à amizade que travou com ele, obteve as primeiras sementes de soja plantadas no Brasil (Furlani; 2005, 58).

Da China, Pagu relatou com tristeza a situação em Xangai, onde encontrou fome e extrema pobreza. Em maio de 1934, após algumas dificuldades financeiras, partiu da China para Moscou. Pouco depois de chegar, descreveu sua primeira decepção com o comunismo num cartão postal que enviou a Oswald: “Gente pobre nas ruas e luxo para os burocratas” (Furlani, 1999; 58). A grande decepção sem dúvida foi motivada pela aproximação de uma garotinha de oito ou nove anos em andrajos que lhe pediu esmola.

Os pés descalços pareciam mergulhar em qualquer coisa inexistente, porque lhe faltavam alguns dedos. Tremia de frio, mas não chorava com seus olhos enormes. Todas as conquistas da revolução paravam naquela mãozinha trêmula estendida para mim, para a comunista que queria, antes de tudo, a salvação de todas as crianças da Terra. [...] Então a Revolução se fez para isto? Para que continuem a humilhação e a miséria das crianças? (Galvão, 2005; 150).

Embora decepcionada com o regime comunista, depois de visitar a Rússia, seguiu para Paris, onde trabalhou no jornal *L’Avant-Garde* e como tradutora de filmes. Filiou-se ao Partido Comunista Francês sob o pseudônimo de Leonnie e participou de manifestações de rua até ser presa em 1935, como militante comunista estrangeira. Na iminência de ser submetida a conselho de guerra ou deportada para a fronteira da Itália ou Alemanha, foi identificada pelo embaixador Souza Dantas, que conseguiu sua repatriação para o Brasil em novembro naquele mesmo ano.

Quando retornou ao Brasil, Pagu separou-se definitivamente de Oswald de Andrade e passou a colaborar no jornal *A Platéia*. No entanto, terminou presa pouco depois devido à Intentona Comunista, ocorrida em novembro de 1935. Condenada a dois anos de prisão nos presídios Paraíso e Maria Zélia, ambos em São Paulo, fugiu antes de completar a pena. Presa novamente, foi condenada a mais dois anos e meio de prisão, na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, onde sofreu torturas, além de perseguições de companheiros do partido. (Frésca, <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>). Na carta-depoimento a Geraldo Ferraz, ela revelou sua amargura: “Escrevo o retrocesso constatado no dia de hoje. Não consigo viver a vida artificial dos últimos dias em que me dissolvia na vida coletiva da prisão. Onde é que eu ia buscar o entusiasmo senil pelo lúmpen quando a própria lama hoje me decepciona?” (Furlani; 2005, 63).

Apesar da tristeza, aparentemente nada conseguia roubar a altivez de Pagu. Depois de ter passado quatro anos e meio na prisão, ficou ainda mais seis meses detida por ter se recusado a prestar homenagem ao então interventor federal em visita ao presídio, Adhemar de Barros. Quando saiu, em 1940, estava muito debilitada fisicamente e pesava apenas 44kg. A experiência no cárcere deixou marcas profundas em seu íntimo. Coube ao seu segundo marido, o jornalista e “ex-antropófago” Geraldo Ferraz, convencê-la a sentar-se diante da máquina de escrever para registrar seu testemunho (Ibid).

4.5

A vida com Geraldo e a intensa produção jornalística

Uma vez em liberdade, Pagu tomou algumas decisões drásticas: rompeu em definitivo com o PCB, pediu a todos que, a partir de então, a chamassem pelo seu verdadeiro nome (Patrícia) e se casou com Geraldo Ferraz, que seria seu companheiro até a morte. Dessa união nasceu seu segundo filho, Geraldo Galvão Ferraz, em 1941. Pagu também passou a produzir artigos, críticas e crônicas para diversas publicações. Toda a década de 1940, aliás, caracterizou-se por uma intensa participação na imprensa, em especial nos jornais cariocas *A Manhã* e *O Jornal* e os paulistas *A Noite* e *Diário de São Paulo*.

De junho a dezembro de 1944, Pagu se lançou numa aventura literária inédita: publicou contos policiais de sua autoria como se fossem traduções de um suposto autor estrangeiro chamado King Shelter na revista *Detetive*, dirigida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues. Essa passagem de sua vida só seria revelada ao público uns cinquenta anos depois, graças a uma descoberta feita pelo segundo filho de Pagu, Geraldo Galvão Ferraz, ao percorrer os sebos de São Paulo atrás de revistas policiais das décadas de 1930 a 1950 para uma pesquisa que realizava na época (Galvão Ferraz, 1998; 4-5).

Trabalhadora incansável, em 1945 Pagu lançou, em parceria com o marido Geraldo Ferraz, *A famosa revista*, romance no qual critica e denuncia os males do PCB. Para muitos estudiosos, tratava-se de um acerto de contas com as incoerências e os absurdos praticados pelo movimento comunista. “O segundo e último romance, *A famosa revista* (...) é o contrário do primeiro: o protesto desencantado, principalmente contra a política que destrói, desloca ou inverte valores éticos” (Furlani, 1999; 20).

Em 1949, provavelmente ainda muito abalada pela lembrança dos anos na prisão, Pagu tentou o suicídio. No ano seguinte, porém, voltou-se novamente para a política, mas não nas fileiras do PCB. Concorreu a uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Durante sua candidatura, lançou o manifesto “Verdade e Liberdade”, no qual afirmava que as condições degradantes a que havia sido submetida tinham abalado seus nervos e inquietações, transformando-a “nesta rocha vincada de golpes e amarguras, destrozada e machucada, mas irreduzível” (Furlani, 1999; 72).

Patrícia Galvão não conseguiu se eleger, no entanto, não se deixou abater com a derrota; direcionou suas forças para uma nova atividade: o teatro. Matriculou-se na Escola de Arte Dramática (EAD) de São Paulo, onde teve aulas com Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado, Ziembinsky e outros mestres. Segundo relato de Mesquita, Pagu não era mais a moça ativa e extravagante de antes. Havia se tornado uma mulher arredia e calada (Frésca <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

Como integrante da EAD, Patrícia Galvão levou para Santos a peça *A descoberta do novo mundo*, de Lope de Vega, iniciando uma série de espetáculos da escola na cidade. A partir daí teve uma intensa participação na vida cultural de Santos, incentivando movimentos teatrais e casas de espetáculos, além de

colaborar para a fundação de uma associação de jornalistas profissionais na cidade. O trabalho na imprensa, aliás, não recrudescu, pelo contrário. Patrícia Galvão escrevia vários artigos nos cadernos culturais sobre escritores como Ionesco, Brecht, Fernando Pessoa, Dostoiévski, Rilke e Pirandello. Além disso, traduziu autores até então desconhecidos no Brasil, como Blaise Cendrars, Italo Svevo e Fernando Arrabal. O trabalho intenso de escrever nos jornais e promover o teatro só foram interrompidos pela morte, decorrente de um câncer de pulmão. Pouco antes, porém, na busca de uma cura para a doença, Patrícia Galvão viajou a Paris em setembro de 1962 para se submeter a uma cirurgia (Frésca, <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>).

Na véspera da viagem, teve seu último texto publicado em vida, o poema “Nothing”:

Nada, nada, nada
 Nada mais do que nada (...)
 Abri meu abraço aos amigos de sempre
 Pessoas compareceram
 Alguns escritores
 Gente de teatro
 Birutas no aeroporto e nada (*A Tribuna*, 23/9/1962, apud Furlani, 1999; 81).

A operação, infelizmente, fracassou e ela, deprimida e sem perspectivas, chegou a tentar o suicídio. Pagu morreu na companhia de seus familiares, na sua casa, em Santos, em 12 de dezembro de 1962. Segundo sua irmã Sidéria, suas últimas palavras foram: “desabotoa minha gola...” Seria um pedido de socorro? Ou um pedido de liberdade? (Furlani, 1999; 82-3).